

**CULTURA E JUSTIÇA DISTRIBUTIVA SOB A ÓTICA LITERÁRIA DOS
SÉCULOS XIX E XX E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS ANÁLISES DE
THOMAS PIKETTY**

**CULTURE AND DISTRIBUTIVE JUSTICE FROM THE LITERARY POINT OF
VIEW OF THE XIX AND XX CENTURIES AND ITS CONTRIBUTIONS TO THE
ANALYSIS OF THOMAS PIKETTY**

Larissa Christine Campos Viana ¹

Tiago Miranda Soares ²

Ana Elizabeth Neirao Reymao ³

Resumo

O objetivo desse artigo é discutir a justiça distributiva sob a ótica literária, destacando a contribuição de Jane Austen e Honoré de Balzac para as análises de Thomas Piketty acerca da história da distribuição de renda e riqueza no longo prazo. Para ele, obras literárias oferecem ao leitor um bom retrato da distribuição da riqueza no passado e narrativas de textos como “Razão e Sensibilidade” e “O Pai Goriot” são importantes para compreender a dinâmica socioeconômica do período. Ao lado de dados estatísticos, a literatura pode ser importante fonte de informação para estudos sobre justiça distributiva e valores sociais.

Palavras-chave: Thomas piketty, Capital, Representação, Literatura

Abstract/Resumen/Résumé

The aim of this article is to discuss distributive justice from the standpoint of literature, highlighting the contribution of Jane Austen and Honore de Balzac to Thomas Piketty's analysis of the history of income and wealth distribution in the long run. For him, narrative works of texts such as "Sense and Sensibility" and "Le Père Goriot" are important to understand the socioeconomic dynamics of the period. Alongside statistical data, literature can be an important source of information for studies about distributive justice and social values.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Thomas piketty, Capital, Representation, Literature

¹ Estudante do Curso de Direito do Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA). Participa do grupo de pesquisa Direito Econômico, Intervenção Estatal e Políticas Públicas

² Estudante do Curso de Direito do Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA). Participa do grupo de pesquisa Direito Econômico, Intervenção Estatal e Políticas Públicas.

³ Economista, professora da Faculdade de Economia da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Direito do Centro Universitário do Pará (CESUPA).

1. Introdução

Vários são os ensinamentos, sejam sociais, econômicos ou políticos que uma incursão literária pode proporcionar por conta de seu intento de reproduzir a realidade de maneira alternativa. A obra “O Capital no século XXI”, de Thomas Piketty, ao fazer uma análise acerca de distribuição de riqueza e renda pautada no estudo da dinâmica do capital e suas mudanças ao longo do tempo, utiliza-se, em vários momentos, de uma incursão representativa literária para ilustrar e projetar por meio de uma realidade subjetiva, aspectos importantes das condições de riqueza, desigualdade, assim como uma visão geral da realidade do capital em si.

A importância de tal incursão, como muitas vezes é mencionada no livro, pauta-se na necessidade de superar um importante obstáculo de pesquisa: os dados estatísticos sobre as características do capital durante os séculos XVIII e XIX são escassos. Como tal, muitas vezes não permitem que uma pesquisa aprofundada possa ser realizada, limitando as análises, projeções e proposição de cenários referenciais sobre a natureza e a forma que o capital poderá apresentar no decorrer do século XXI.

Seguindo tal raciocínio e no intuito de tentar demonstrar de uma maneira bem mais sólida as condições do capital nos séculos XVIII e XIX, em detrimento da efemeridade de informações disponíveis pelos dados estatísticos da época, Piketty utiliza-se dos romances europeus de Jane Austen e Honoré de Balzac que, por meio das suas narrativas, permitem a confecção de uma concepção supositória, mas ainda assim, bastante coerente da realidade econômica do período, a qual seria inadequado ignorar, visto a objetividade da mesma.

O objetivo desse artigo é discutir a justiça distributiva sob a ótica literária dos séculos XIX, destacando a contribuição de Jane Austen e Honoré de Balzac para as análises de Thomas Piketty acerca da história da distribuição de renda e riqueza no longo prazo. O autor argumenta que obras como “Razão e Sensibilidade”, de Austen, e “O Pai Goriot”, de Balzac, oferecem ao leitor um bom retrato da distribuição da riqueza no Reino Unido e na França nos anos de 1790-1830, ajudando-o a estabelecer relações entre a dinâmica capitalista no mundo representativo literário e a dinâmica real a ser retratada.

As análises aqui desenvolvidas decorrem de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e consulta às obras citadas e outros clássicos da literatura mundial, como “Peter Pan e Wendy”, “Cinderela” e “O morro dos ventos uivantes”. O texto está estruturado em seis partes principais, incluindo essa introdução e as considerações finais. A seção dois destaca a importância da literatura para as análises de Thomas Piketty. A discussão

sobre o capitalismo patrimonial e as relações sociais do século XIX na obra de Jane Austen é o tema da seção três. A seção quatro mostra essa relação em “O Pai Goriot” e em outras obras da literatura europeia do período. Uma análise sobre as metamorfoses do capital representadas sobre a ótica literária é apresentada na seção cinco. As conclusões do artigo são apresentadas nas considerações finais.

2. A importância da literatura para as análises de Thomas Piketty

Em “O Capital no século XXI”, Thomas Piketty aborda a questão distributiva. Sua análise temporal se inicia no ano 1700, contemplando desde o nascedouro do capitalismo até a fase mais recente do capitalismo financeiro. O livro apresenta uma demonstração empírica sobre a distribuição da renda e da riqueza e uma construção teórica sobre os fatores que levam à convergência ou à divergência distributiva. O autor resgata o debate teórico sobre o tema e oferece um estudo inédito em um prazo temporal extenso.

Embora abranja o mundo, seu trabalho está centrado nos oito países mais desenvolvidos, Estados Unidos, França, Japão, Alemanha, Grã-Bretanha, Itália, Canadá e Austrália, com destaque aos dois primeiros. Interessado em compreender a dinâmica de longo prazo da distribuição da renda e da riqueza e intervir para alterar sua tendência concentradora no século XXI, Piketty discute crescimento econômico, a participação do capital e do trabalho no produto, a distribuição da renda por decis, a tributação sobre o capital, a relação entre mérito e renda, o papel da herança na concentração de riqueza, a transformação do capital ao longo dos séculos, além de democracia e política.

As informações estatísticas são muito importantes para seu estudo¹, mas em vários momentos o autor faz uma incursão representativa literária para ilustrar e projetar, por meio de uma realidade subjetiva, aspectos importantes das condições de riqueza e da desigualdade, assim como uma visão geral da realidade do capital em si.

Para Piketty (2014), Austen, Balzac e outros escritores da época desnudaram os meandros da desigualdade com um poder evocativo e uma verossimilhança que nenhuma análise teórica ou estatística seria capaz de alcançar. Assim, é muito importante estabelecer relações entre a dinâmica capitalista no mundo representativo literário e a dinâmica real a ser retratada:

¹ As informações estatísticas usadas em sua pesquisa estão na base de dados *Top World Incomes Database*, disponível em topincomes.parisschoolofeconomics.eu, resultado do esforço de mais de quinze anos de sua pesquisa em rede com mais de trinta estudiosos pelo mundo.

Por certo, incorreríamos em um grave erro se subestimássemos a importância dos conhecimentos intuitivos que cada um desenvolve sobre a distribuição da renda e do patrimônio de sua época, mesmo na ausência de uma estrutura teórica e de análises estatísticas. O cinema e a literatura, em particular os romances do século XIX, trazem informações extremamente precisas sobre os padrões de vida e níveis de fortuna dos diferentes grupos sociais e revelam a estrutura profunda de desigualdade, de modo como a disparidade se justifica e influencia a vida de cada um. Os romances de Jane Austen e Honoré de Balzac nos oferecem um retrato impressionante da distribuição da riqueza no Reino Unido e na França nos anos de 1790-1830. Os dois escritores possuíam um conhecimento íntimo da hierarquia da riqueza em suas sociedades. Eles compreendiam os contornos ocultos da riqueza, conheciam seus desdobramentos implacáveis na vida desse homens e mulheres, incluindo as consequências para os enlances matrimoniais, as esperanças pessoais, e os infortúnios (PIKETTY, 2014, p. 10).

Como se vê, o autor destaca que o mundo representativo literário pode fornecer informações muito precisas sobre os padrões de vida e níveis de fortuna dos diferentes grupos sociais. Os romances podem revelar a estrutura profunda de desigualdade, evidenciando como a disparidade se justifica e influencia a vida de cada um. São importantes fontes de informação sobre a distribuição de riqueza e renda do período e auxiliam o autor a analisar a dinâmica do capital e suas metamorfoses nos países europeus, bem como propor cenários de referência para as condições e transformações que podem ocorrer no capital para as próximas décadas do século XXI.

Desse modo, a literatura ganha relevância nos estudos de Piketty (2014), pois embora possa ser uma retratação dramática da realidade social, ela pode desnudar características de uma sociedade em várias suas instâncias, informando sobre aspectos sociológicos de períodos em que a documentação e os registros estatísticos são escassos.

3. Capitalismo patrimonial e relações sociais do século XIX na obra de Jane Austen

Piketty (2014) chama de capitalismo patrimonial o período histórico em que as dinastias familiares e o capital herdado representam uma parcela elevada da renda nacional. Uma sociedade em que grande fração da renda é apropriada pelo percentil dos mais ricos, povoado por herdeiros que vivem de renda. Nela, a herança, ou seja, os patrimônios originados no passado, predomina em relação à poupança, os patrimônios originados no presente.

A obra “Razão e Sensibilidade” de Jane Austen, publicada em 1811, traz a história de três irmãs desamparadas financeiramente pelo meio-irmão após a morte do pai. O sr. Dashwood herda terras de um tio que falecera no ano anterior e após sua morte, pede que seu filho, de um matrimônio anterior, não desampare suas irmãs e suas madrastas. Persuadido por sua esposa, este não o faz, pois a mesma que não aceitava que seu único filho perdesse algumas libras, se porventura em um futuro viesse a precisar, para atender as necessidades de moças “que nem eram irmãs legítimas de seu marido!”. A irmã mais velha se apaixona por um rapaz chamado Edward e se vê impedida de contrair o matrimônio, principalmente pelo fato de que a mãe de seu noivo não aceita que ele se envolva com uma moça de classe socioeconômica diferente, e ameaça deserdá-lo. A irmã do meio, Marianne, perde o amor de sua vida, quando percebe que ele a trocou por uma moça de classe elevada apenas com interesse em sua fortuna. No final do romance, Marianne se casa com outro jovem senhor e Elinor, a irmã mais velha, se casa com Edward, o jovem que abriu mão de sua fortuna para estar com ela. Posteriormente, este faz as pazes com sua mãe e toma de volta para si a herança que lhe pertencia. Deste modo, as irmãs e a viúva viveram confortavelmente durante suas vidas.

Entre tantas tramas desencadeadas no decorrer do romance, o que se percebe é a importância e a influência da posição econômica e da renda e da riqueza na vida pessoal e social das personagens. Tal afirmação é perceptível no seguinte trecho:

Imagine só, meu caro sr. Dashwood, quão excessivamente cômoda pode ser a vida de sua madrasta e de suas irmãs com os juros de sete mil libras, além das mil libras que pertencem a cada uma das meninas, o que vai dar cinquenta libras por ano para cada uma, e, é claro, elas vão tirar o pagamento que farão a mãe pelo alojamento. No total, elas terão quinhentas libras por ano para si, e que diabos podem quatro mulheres querer mais do que isso? Vão gastar tão pouco! As despesas da casa serão zero. Não terão carruagem nem cavalos e dificilmente criados; não receberão convidados e poderão não ter despesas de nenhum tipo! Pense só como estarão bem! Quinhentas libras por ano! Não posso nem imaginar como vão gastar metade disso; e isso de lhes de dar mais dinheiro é uma ideia completamente absurda (AUSTEN, 1995, p. 20).

Nesse trecho é possível observar o conhecimento íntimo da escritora acerca do poder de compra da moeda e os padrões de vida dele subsequentes, bem como da renda, riqueza e patrimônio herdado à época em que o romance foi escrito. A esposa de John Dashwood, o meio-irmão das protagonistas, sabia que o valor de quinhentas libras por mês era o necessário para que se pudesse manter um padrão de vida minimamente aceitável. Porém, isso condenaria suas cunhadas a uma vida social limitada e problemática em relação ao

matrimônio. A sra. John Dashwood não desejava necessariamente o infortúnio das três moças, mas sim a garantia de uma vida matrimonial e social favorável ao seu filho. Nesse sentido, destaca Piketty (2010, p. 108): “Ela (Jane Austen) sabia que para viver com conforto e elegância (...) era preciso dispor – segundo seus critérios – de ao menos vinte ou trinta vezes a soma de 30 libras por ano (...)”. Daí usava em suas obras valores correspondentes aos vida real, ajudando os leitores a terem uma melhor percepção de dados, valores e outras relações sociais da época.

Em “Razão e Sensibilidade”, assim como em outras obras de Austen, é nítida a aspiração que os pais tinham em casar suas filhas com rapazes que possuíssem propriedade ou que fizessem parte da alta sociedade da época, pois só assim estas teriam uma vida confortável e tranquila. Da mesma forma, aqueles que pertenciam às grandes famílias e que possuíam grandes propriedades eram muito criteriosos em relação à escolha dos cônjuges de seus filhos. A tendência era sempre que o cônjuge não somente tivesse muitas propriedades e que tivessem uma ótima vida financeira, mas que possuíssem sobrenomes. Ao se unirem, ambas as famílias se beneficiariam financeiramente. O casamento era peça fundamental para grandes proprietários e produtores da época ao realizar negócios, e ao contrário do que é percebido nos dias atuais, o mesmo não tinha como fator principal o sentimento que os noivos nutriam um pelo outro. Crítica do sistema que, por vezes, separava casais que se amavam em prol de conveniências e negócios de cunho matrimonial, Jane Austen denunciava isso em suas obras.

Tais referências podem ser encontradas também nos romances franceses de Honoré de Balzac, em especial no seu romance instaurador da Comédia Humana, “O Pai Goriot”, que representam não somente a realidade inglesa, mas também a francesa. Esse é o tema da seção seguinte.

4. Capitalismo patrimonial em o Pai Goriot e em outras importantes obras da literatura europeia do período

Em “O Pai Goriot” (1835), Balzac apresenta a história de uma busca incansável por poder e dinheiro, trazendo, assim como Jane Austen, várias retratações subjetivas das condições de desigualdade de riqueza e renda da Paris do século XIX. A trama começa com a apresentação dos residentes da pensão de uma senhora viúva chamada Valquer. Tem-se, dentre eles, um jovem estudante de Direito que se muda para a cidade para tentar adentrar na

alta sociedade parisiense, o jovem Eugéne Rastignac; um velho senhor ex-militar chamado Vautrin; e Joaquim Goriot, um antigo fabricante de massas que possuía uma grande fortuna, mas que a havia perdido para poder ajudar no matrimônio e, conseqüentemente, na prosperidade de suas duas filhas. Rastignac, no entanto, logo percebe que somente sua faculdade de direito e o trabalho como juiz não serão o suficiente para consolidá-lo na alta classe parisiense, atendendo aos conselhos do sr. Vautrin, que lhe ensina como alcançar a aristocracia. Rastignac, então, se aproxima de uma das filhas de Goriot, e torna-se amante dela. Goriot, ao descobrir o esquema de Rastignac e Vautrin, adoece e falece.

No romance de Balzac, assim como em “Razão e Sensibilidade”, as personagens são retratadas como pessoas que valorizam sempre a prosperidade, a ponto de não medirem esforços para alcançar seus objetivos opulentos. Tal obstinação pode ser facilmente encontrada em vários gêneros literários dos séculos XVIII e XIX, até mesmo em contos de fadas. No conto clássico “Cinderela” (1697), de Charles Perault, é possível observar claramente que a odiosa antagonista, madame Tremaine, encontra-se sempre na diligência de conseguir casamentos vantajosos para suas duas filhas, para garantir a prosperidade da família, ainda que isso tenha que frustrar frequentemente os desejos de sua enteada. Novamente observa-se que a herança e o patrimônio ocupam papel principal na dinâmica social da época.

Da mesma forma, no romance “O morro dos ventos uivantes” (1847), de Emily Brontë, um dos grandes clássicos da literatura inglesa, pode-se perceber que Heathcliff, personagem masculino central da trama, após retornar a casa de seus pais adotivos depois de ter feito fortuna, desperta a atenção de Catherine, sua meia-irmã. Antes de sua partida a mesma o havia abandonado e dado atenção unicamente ao seu marido, por este ter condições de lhe dar uma vida consideravelmente mais confortável. Observa-se, portanto, novamente o peso da herança e das relações matrimoniais para a sociedade da época.

Como já dito anteriormente, tais referências não são encontradas somente em romances clássicos, mas também em outros gêneros literários. Em “Peter e Wendy”, peça de J. M. Barrie, que foi apresentada como livro em 1911, percebe-se que, ainda no início do século XX, o discurso matrimonialista se fazia muito presente na sociedade inglesa. A família Darling, como representada por Barrie, era o paradigma do pensamento coletivo do período. O sr. Darling era um executivo na bolsa de valores de Londres, e a Sra. Darling, dona de casa e sempre respeitosa ao seu marido. Ele, sempre que podia, dizia para Wendy, João e Miguel que não se pode viver uma vida de fantasias, pensando em “terra do nunca”, mas deviam ater-se a realidade, para que não vivessem uma vida futura impróspera.

5. As metamorfoses do capital representadas sobre a ótica literária

Uma análise crítica dos intentos perniciosos das personagens, também revela uma mudança na concepção entre renda de capital e renda do trabalho, o que acaba por trazer também uma visão mais clara acerca das condições de desigualdade de renda e capital durante o período. Nos séculos XVIII e XIX, a riqueza oriunda do capital, ou seja, da propriedade, era um negócio certo, rentável, algo excessivamente demandado, a ponto de os protagonistas das tramas de Balzac e Austen se envolverem em negócios fraudulentos e litigiosos para alcançar a renda oriunda da propriedade. Já o trabalho, como claramente expresso no discurso de Vautrin, era visto como algo duvidoso e, em uma sociedade patrimonialista, um risco que não valia a pena correr. No entanto, a desestabilização do capital, causada pelos grandes conflitos militares e políticos do século XX, minimizou consideravelmente o peso da herança, e conseguiu invalidar, em grande parte, a aplicabilidade do discurso de Vautrin ao jovem estudante, na modernidade. De acordo com Piketty (2014, p.237):

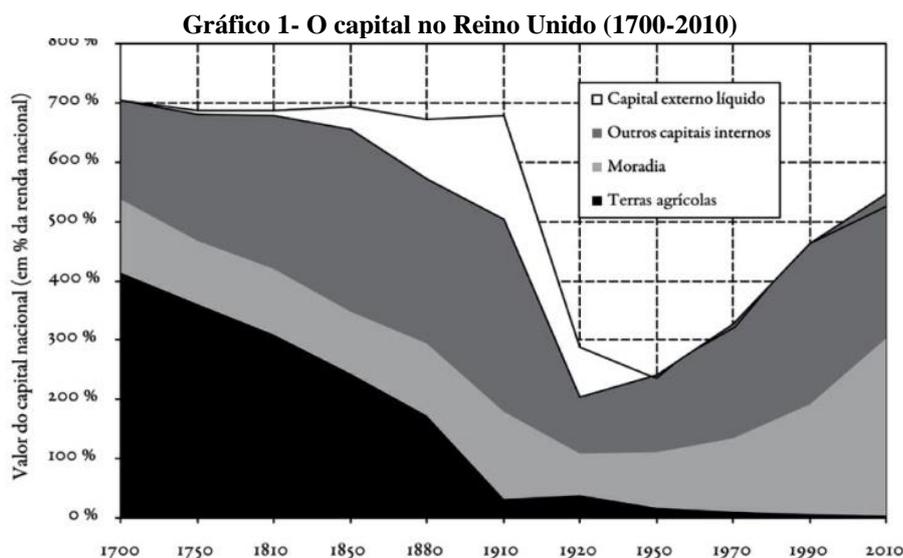
De fato, veremos que o discurso de Vautrin deixou de ser verdadeiro nas sociedades europeias do século XX, ao menos temporariamente. Durante as décadas do pós-guerra, a herança se reduziu a quase nada em comparação com o passado, e pela primeira vez na história do trabalho os estudos se tornaram o caminho mais seguro para alcançar o topo da distribuição de renda.

Nesse quesito é possível observar como os romances de Austen e Balzac fornecem informações necessárias, por meio de uma efetividade ficcional, porém discricional da realidade das sociedades conterrâneas que representam, para que se possa evidenciar as particularidades da desigualdade do período. No que tange à propriedade, é possível inferir que a desigualdade do capital era mais branda quando comparada com a desigualdade do trabalho, pois, como evidenciado no discurso de Vautrin, ainda que Rastignac conseguisse o diploma de direito na universidade mais cobiçada de Paris e investisse na magistratura, não ganharia mais que mil e duzentas libras por ano, menos que o necessário para adentrar na alta classe parisiense por ele tão cobiçada.

Nos séculos XVIII e XIX, o capital se mostrava, como bem retratado nos romances de Austen e Balzac, patrimonialista e rentista, sendo quase sempre representado em forma de terras ou de dívida pública. O jovem Rastignac vinha de uma linhagem de grandes proprietários de terras agrícolas no interior de França, enquanto que o ex-militar Vautrin recebia seu provento semanal de títulos de dívida pública. Norland, de quem Dashwood

herdou a fortuna – na obra de Austen – era também proprietário de terras agrícolas na Inglaterra.

Quando analisa as metamorfoses do capital, Piketty (2014) quer revelar a mudança da estrutura do capital ao longo do tempo e seus dados captam o que é relatado nos textos acima citados. Dinâmica, essa estrutura sofre transformações no decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX, como apresentado nos gráficos reproduzidos a seguir.

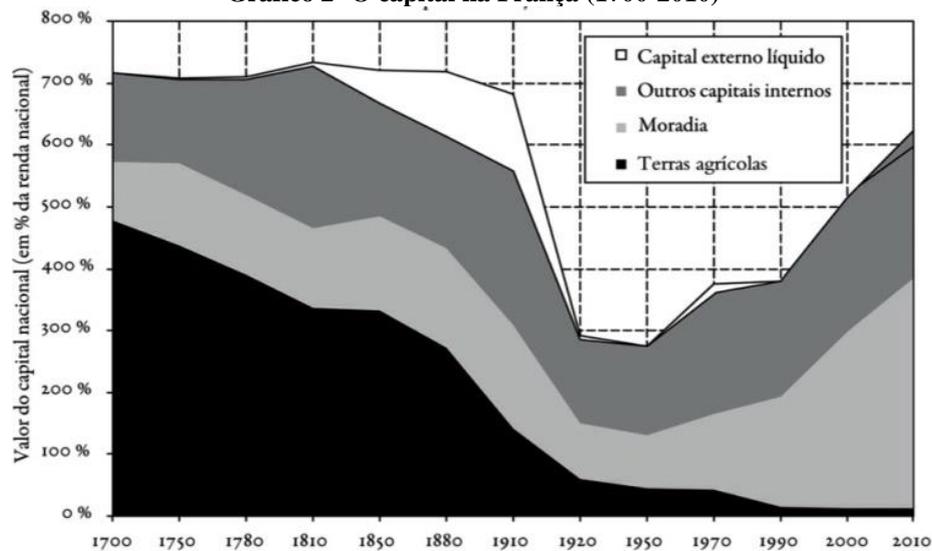


Fonte: Piketty (2014)

Como se observa, o peso da propriedade rural no capital nacional da França e do Reino Unido até o final do século XIX, assim como sua rentabilidade e estabilidade, é semelhante ao demonstrado subjetivamente nas manifestações literárias do período. Porém, há uma redução considerável do peso da propriedade agrícola no final do século XIX e início do século XX; que, nos dois países, já se encontrava em queda desde o final do século XVIII.

O declínio da propriedade rural também podia ser facilmente evidenciado nos clássicos literários do ínterim histórico. Na já citada obra de J. M. Barrie, vê-se que o patriarca da família Darling não é mais retratado da mesma maneira que eram retratados os patriarcas familiares nos romances de Austen e Balzac. O sr. Darling era um executivo de ações, que estava sempre preocupado com o peso monetário e as despesas da família, o que demonstra a mudança da natureza do capital entre os séculos XIX e XX, conforme o gráfico explicita.

Gráfico 2- O capital na França (1700-2010)



Fonte: Piketty (2014)

Mais uma vez, é possível notar a contribuição do discernimento axiomático que cada autor domina sobre as condições econômico-sociais de suas realidades objetivas. A cognição do sr. Darling retrata, com bastante praticidade, a mentalidade coletiva europeia em relação aos atributos do capital e suas funcionalidades.

Os gráficos também mostram que na época em que Jane Austen e Honoré de Balzac escreveram “Razão e Sensibilidade” e “O Pai Goriot” havia uma considerável expansão do peso dos capitais externos nos capitais nacionais do Reino Unido e da França, proporcionados por uma maior atividade mercantil. Porém, como também retratado nesses romances, o capital patrimonial ainda era predominante, e ainda era visto como o capital mais prático, seguro e perfeitamente funcional.

Tendo em vista que as obras de Austen e Balzac são, respectivamente, de 1811 e 1835, a expressões do capital não eram muito dísparas daquelas da data de publicação da obra de Emily Bronthe (1847). Nesta, o patriarca da família, sr. Earnshaw estava sempre viajando a negócios, o que exprime a lenta fluidez do capital e sua expressante parcela externa durante o período. Desde o início do século XVIII até o fim do século XIX, o capital patrimonial das grandes propriedades se encontrava em declínio, e o capital externo cresceu exponencialmente desde o início do século XIX até o início do século XX.

6. Considerações finais

As obras literárias citadas ao longo desse artigo ajudaram Piketty (2014) a compreender a desigualdade socioeconômica do século XIX. É provável que autores como Austen, Balzac e tantos outros não tivessem qualquer ideia de que descrever suas realidades iria ser de grande utilidade para a evolução do pensamento humano, assim como para a compreensão de grandes problemáticas sociais existentes séculos depois, como nesse início do sec XXI, em que a desigualdade do capital apresenta-se cada vez maior.

Obras como “Razão e Sensibilidade” e “O Pai Goriot” oferecem ao leitor um bom retrato da distribuição da riqueza no Reino Unido e na França no século XIX, ajudando Thomas Piketty a estabelecer relações entre a dinâmica capitalista no mundo representativo literário e a dinâmica da distribuição da renda e da riqueza por ele estudada. Como destaca o autor, a literatura que descreve hábitos, práticas e a cultura das sociedades retratadas, tendo sido fundamentais em suas análises, por desnudarem os meandros da desigualdade com um poder evocativo e uma verossimilhança que nenhuma análise teórica ou estatística seria capaz de alcançar.

O presente artigo mostrou que outras obras como o romance “O morro dos ventos uivantes” (1847), de Emily Brontë, a peça “Peter e Wendy”, de J. M. Barrie, que foi apresentada como livro em 1911, ou o conto clássico “Cinderela” (1697), de Charles Perault, também podem ser importantes fontes de informação para estudos sobre cultura, justiça distributiva e valores sociais.

Meios de representação subjetivos, aliados a dados estatísticos obtidos por meio de pesquisa documental, foram fundamentais para as análises de Piketty (2014). Assim, o artigo mostrou que, por muitas vezes, a retratação dramática pode proporcionar conhecimentos precisos acerca da realidade representada, com uma transparência por vezes maior do que dados estatísticos e publicações oficiais, ajudando-nos também a compreender as facetas da estrutura social na atualidade.

Uma das conclusões do autor é que a herança deve ganhar mais importância no futuro. Embora a distribuição no século XXI não tenda a ser tão concentrada quanto no século XIX, quando a herança era um elemento central da sociedade, Piketty (2014) acredita que no atual século a renda terá mais influência sobre a riqueza do que outrora. Por exemplo, o descrédito em relação ao mérito do trabalho era evidente no período retratado pelas obras literárias

citadas nesse artigo. O mundo mudou e isso é algo que, na realidade do século XXI, é um ideal concreto e enraizado:

Faz parte da nossa modernidade democrática acreditar que a desigualdade da renda do trabalho proveniente e do mérito individual – ou no mínimo a esperança de que isso seja possível – é menos injusta que outros tipos de desigualdade (...). Quem aconselharia, hoje, que um jovem estudante de direito a abandonar seus estudos e seguir a mesma estratégia de ascensão social sugerida pelo ex-prisioneiro (Vautrin)? (PIKETTY, 2014, p.237)

Piketty (2014) reconhece que nas obras de Balzac e Jane Austin há uma descrição de mundo em que a desigualdade é, de certa maneira, necessária: se não existisse uma minoria dotada de patrimônio suficiente, ninguém poderia se preocupar com outra coisa além de sobreviver. Essa é uma visão muito distinta dos valores meritocráticos da sociedade do século XXI, como ocorre nos Estados Unidos, por exemplo.

Assim, o fato de na França dos anos 2010 a herança representar quase um quarto dos recursos totais das gerações nascidas a partir dos anos 1970-80, por exemplo, não significa que ela tenha alcançado a mesma importância, o mesmo papel social que tinha para as gerações do século XIX. Hoje existem bem menos heranças enormes que na Belle Époque ou no século XIX, argumenta Piketty (2014). A sociedade estruturada pela hierarquia de patrimônios foi substituída por uma hierarquizada no trabalho e no capital humano. Há uma grande transformação das representações coletivas da desigualdade: o diploma e as qualificações passam a ter valor, ainda que isso não signifique que a sociedade tenha se tornado mais meritocrática. As pessoas não têm acesso às mesmas oportunidades para atingir os diferentes níveis de qualificação. As grandes heranças desapareceram e tem-se uma sociedade com um grande número de rentistas menores, pequenos rentistas e superexecutivos, por exemplo.

Assim, embora o “retorno da herança” tenda a afetar todo o planeta, isso não significa que a estrutura da desigualdade do século XXI será a mesma que existiu no século XIX, pois a concentração de riqueza é menos extrema (hoje há mais rentistas pequenos e médios e menos rentistas muito grandes, ao menos por enquanto), a hierarquia das rendas do trabalho tende a ampliar (pela ascensão dos superexecutivos) e também porque as duas dimensões, riqueza e trabalho, estão mais correlacionadas do que antes. É possível ser ao mesmo tempo um superexecutivo e um “rentista médio” do século XXI.

Os meios de representação subjetivos disponibilizados pelas incursões literárias ajudaram o autor obter essas conclusões sobre a distribuição de riqueza e renda. Então, aprendendo as lições do passado, revelada tanto por dados estatísticos quanto pelas narrativas das obras literárias, o autor faz proposições para o ajustamento distributivo a fim de que o capitalismo seja controlado para o interesse geral, por meio da promoção de uma maior transparência financeira e sua dinâmica global, de uma maior coordenação mundial na tributação da riqueza, do estabelecimento de impostos progressivos, como o sobre as grandes fortunas, e, em especial, da democracia.

7. Referências

AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. 5 Edição. Oxford Bookworms Library, 1995.

BALZAC, Honoré de. **O pai Goriot**. Trad. V. de Oliveira. *A Comédia Humana*. Vol. IV. São Paulo: Globo, 1998.

BARRIE, James Matthew. **Peter Pan e Wendy**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006. (tradução de Hildegard Feist)

BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes**. Trad. De Oscar Mendes. Porto Alegre: Abril, 1971.

PERRAULT, Charles. **Cinderela**, et la. Contos de Fadas. 1. Edição. Rio de Janeiro – RJ: ZAHAR, 2010

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. 2 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.